

Cronologia do fúnebre

Ao longo da História, a Humanidade sempre se empenhou em edificar “contra o Tempo”, *essa grande empresa de demolições* como lhe chamou Lobo Antunes. Assim as civilizações empreenderam uma batalha sem tréguas contra o desgaste natural, edificando construções funerárias duráveis. Crê-se hoje que as primeiras construções datam de há cerca de 10 000 anos e calcula-se que tenham tido uma função funerária: Kihachiro Aratake, jaz sob o Pacífico, na costa da ilha japonesa de Yonaguni (www.abknet.de/yonaguni.htm) desde que a terra submergiu na última idade de gelo. Depois temos Stonehenge há já 5 000 anos e o triunfo megalítico (www.britannia.com/history/h7.html) dos



povos, a terem uma consciência poética da morte e a teimarem não ser defuntos, apercebendo-se de si e por isso dos outros também, tanto que há “Stonehenges” a nascer como cogumelos na Saxónia alemã (www.euronews.net/pt/article/26/08/2008/german-stonehenge-reveals-its-mysteries) e irão encontrar-se mais com certeza.

A Torre de Babel aparece como a primeira verdadeira tentativa global de unificação dos estados na prevenção de um novo dilúvio (não este, económico-financeiro mas o primeiro que tinha sido 1 000 anos antes) e que os de Babel ainda se lembravam (sol.sapo.pt/blogs/jaguar/archive/2008/01/23/A-TORRE-de-BABEL.aspx). A Bíblia continua através do património fúnebre, a

crónica até às Zigurates sumérias, babilónicas e assírias (pt.wikipedia.org/wiki/Zigurate), daí em diante é a conhecida história de Moisés e a inevitável ligação aos templos do antigo Egipto (pt.wikipedia.org/wiki/Pir%C3%A2mides_de_Giz%C3%A9). “[O] Homem teme [o] Tempo, [e] ainda [o] tempo teme as Pirâmides” de acordo com o conhecido provérbio árabe.

Construiu-se, esculpui-se e escavou-se em terracota cal e pedra. Petra – *petrus* – **أرثربلا** – *al-Bitrā* marca a viragem para um mundo helénico com os Edomitas primeiro, em 1 200 a. C. e atrás deles os Nabateus (pt.wikipedia.org/wiki/Petra), e depois os Seléucidas, os Ptolomaicos e Thomas Edward Law-



rence (da Arábia), mas, alto, isso foi já mais tarde. No séc. IV a. C., Artemísia bebe as cinzas de Mausolo e promove (pt.wikipedia.org/wiki/Mausolo_de_Halicarnasso) um ícone do fúnebre em Halicarnasso: o mausoléu. O de Chi Huang-di mobilizou 700 mil prisioneiros e outros trabalhadores chineses cem anos mais tarde (www.chinaonline.com.br/antigo/historia/guerreiros/parte2.asp).

Os pré-colombianos alimentaram cascatas de crânios pelas pirâmides Maias abaixo (pt.wikipedia.org/wiki/Sacrif%C3%ADcios_humanos_na_Am%C3%A9rica_pr%C3%A9-colombiana) até à chegada dos espanhóis. Sacrifícios sempre ligados à esperança de outra vida melhor sem... sacrifícios como

os que ainda hoje ocasionalmente ainda ocorrem nas piras da Índia rural.

Testemunhamos a coexistência de expressões aparentemente contraditórias no edificado funerário: a morte azteca em contraponto com o amor de Artemísia, tão real como o que inspirou o Taj Mahal em 1630 d. C.. 22 mil homens foram ordenados por Shah Jahan a construir a derradeira prova de amor junto ao rio Yamuna – a maquete de todos os bolos de noiva do mundo – para Mumtaz Mahal “A Jóia do palácio”. Recomento uma visita pela interessante Virtual Tour do Taj Mahal em (www.taj-mahal.net/blackLarage.htm).



Termino com a habitual notícia. No jornal *Diário de Notícias online* ficamos a saber que *os cemitérios vão poder ser geridos por entidades privadas como agências funerárias*. O Governo está a rever a legislação que regula o sector (...) o primeiro cemitério gerido por uma empresa vai avançar já. Será em Elvas e a sua gestão caberá à Servilusa. Mesmo ao lado deste cemitério, a empresa multinacional vai construir um tanatório, complexo funerário com salas de velamento, forno crematório e vários serviços que, diz, pretendem melhorar as condições das famílias na hora da morte: cafeteria, florista, capela, posto de saúde e sala para crianças (dn.sapo.pt/2007/03/05/sociedade/)

ANTÓNIO PEREIRA COUTINHO,
Arquitecto